

O Que Foi Perdido?

(Juízes 10 e 11)

Bruce McLarty

À medida que o Livro de Juízes prossegue, também prossegue o registro da espiral descendente de Israel. O padrão de Israel voltar para Deus, ser dominada, clamar a Deus e ser liberta se repete nos capítulos 10 e 11.

TOLÁ E JAIR

Após a morte de Abimeleque, Israel foi liderada por dois juízes sobre os quais pouco se fala. (Os nomes deles são ótimos elementos para uma competição bíblica!) O primeiro, Tolá, pode ser lembrado por pertencer a uma família com nomes nada atraentes (Tolá, filho de Puá, filho de Dodô). Ele liderou Israel por vinte e três anos.

O próximo juiz, Jair, está ligado ao número “trinta”. (Ele teve trinta filhos que cavalgavam trinta jumentos e controlavam trinta cidades.) Ele liderou Israel vinte e dois (e não trinta) anos.

A ESPIRAL CONTINUA

“Tornaram os filhos de Israel a fazer o que era mau perante o Senhor...” (10:6). Como era de se esperar, quando os israelitas começaram a servir aos deuses de seus vizinhos, Deus irou-se com eles e lhes entregou nas mãos de seus inimigos, desta vez os filisteus e os amonitas. Previsivelmente, a angústia dos israelitas fez com que voltassem novamente para Deus rogando por libertação. Inicialmente, Deus lhes disse para pedirem libertação dos novos opressores aos seus novos deuses. Todavia, o povo confessou

sua pecaminosidade, retirou os ídolos e Deus “já não pôde... reter a Sua compaixão por causa da desgraça de Israel” (10:16).

Da próxima vez que os amonitas juntaram seu exército em Gileade, os israelitas estavam prontos para a batalha. Eles se reuniram em Mispá e estavam prontos para lutar contra aqueles que os oprimiam havia dezoito anos — exceto por um detalhe: Israel não tinha nenhum comandante! Haviam recrutado um exército, mas não tinham ninguém para liderá-los na batalha. Os líderes de Gileade até apareceram com um plano de incentivo para atrair os melhores candidatos ao posto. Eles anunciaram: “Quem será o homem que começará a pelejar contra os filhos de Amom? Será esse o cabeça de todos os moradores de Gileade” (10:18).

JEFTÉ É RECRUTADO

Muito ao norte de Mispá, onde estava o exército israelita, vivia Jefté, um guerreiro valente com um passado trágico. Originalmente da terra de Gileade, Jefté era filho de um homem chamado Gileade e de uma prostituta com quem o pai nunca se casou (11:1). Quando os filhos da esposa de Gileade cresceram, viram seu meio-irmão como uma ameaça à herança deles e o expulsaram da terra. Fugindo para um lugar chamado Tobe, Jefté tornou-se líder de um bando de “ordinários” (NTLH) ou “vadios” (NVI).

Quando o povo de Israel viu-se diante de uma batalha sem um general, pensaram em Jefté. Embora seu passado fosse escandaloso e seu estilo de vida fosse infame, ele possuía a exata

qualificação para o que estavam procurando: sabia como travar uma guerra. Engolindo todo o orgulho, os anciãos de Gileade fizeram a caminhada de oitenta quilômetros até Tobe para recrutar Jefté para a batalha contra os amonitas.

Quando os anciãos pediram que ele voltasse para Gileade e liderasse o exército de Israel, Jefté foi, como haveria de se esperar, amargurado. “Porém Jefté disse aos anciãos de Gileade: Porventura, não me aborrecestes a mim e não me expulsastes da casa de meu pai? Por que, pois, vindes a mim, agora, quando estais em aperto?” (11:7). Os anciãos então lhe ofereceram o que ninguém mais em Israel estava disposto a aceitar. Disseram: “Por isso mesmo, tornamos a ti. Vem, pois, conosco, e combate contra os filhos de Amom, e sê o nosso chefe sobre todos os moradores de Gileade” (11:8). Talvez por não acreditar na oferta, ou talvez porque quisesse ouvir mais uma vez o pedido, Jefté pediu que repetissem a proposta. Tendo ouvido bem a proposta, o filho de uma prostituta gileadita, anteriormente banido, voltou para Mispá como comandante de todo o povo de Gileade e do exército de Israel!

A OPÇÃO DIPLOMÁTICA

Embora Jefté fosse um soldado capaz e disposto, ele preferiu colocar a disputa com os amonitas em cima de uma mesa de negociações. O primeiro ato oficial dele foi enviar mensageiros ao rei amonita indagando-lhe a razão do ataque a Israel. A resposta foi que os amonitas queriam a terra que Israel havia tomado deles quando chegou do Egito, trezentos anos atrás. Jefté respondeu com uma prolongada defesa (11:15–27) do direito que Israel tinha sobre a terra de Gileade. Ele argumentou que Israel tomara a terra dos amoritas, e não dos amonitas, e além disso, que o Senhor Deus de Israel dera a terra a eles. O intercâmbio diplomático mostrou-se infrutífero e a guerra entre os amonitas e os israelitas tornou-se uma certeza.

O GUERREIRO E O VOTO

O Espírito do Senhor veio sobre Jefté (11:29) e ele atravessou o país em direção ao amonitas. Foi nesse momento que ele cometeu o pior erro de sua vida, ele fez um voto terrível a Deus. Jefté jurou ao Senhor:

Se, com efeito, me entregares os filhos de Amom nas minhas mãos, quem primeiro da porta da minha casa me sair ao encontro, voltando eu vitorioso dos filhos de Amom, esse será do Senhor, e eu o oferecerei em holocausto (11:30, 31).

Tendo firmado o seu acordo com Deus, Jefté partiu para a batalha. Sua campanha militar foi um grande sucesso, porque “o Senhor os entregou nas mãos de Jefté” (11:32). Antes de terminar, vinte cidades amonitas haviam sido destruídas e Amom estava subjugado.

O nome de Jefté estava limpo, ele se tornou um herói militar, e também foi proclamado o governante de Gileade. Aquele deveria ter sido o melhor dia da vida de Jefté; mas, ao contrário disso, veio a ser o pior. Ao voltar para casa festejando a vitória, a primeira pessoa que saiu pela porta para encontrar-se com ele — aquilo que ele prometeu sacrificar a Deus — foi nada menos que a pessoa mais preciosa de sua vida, sua filha, sua única filha! O melhor momento de Jefté transformou-se na sua hora de maior treva. Quando ela saiu pela porta dançando alegre e despreocupadamente em comemoração à vitória, Jefté saboreou pela primeira vez naquele dia o fel amargo da derrota. O coração do general foi esfriando à medida que a lembrança do voto rompia o seu cérebro. Então gritou: “Ah! Filha minha, tu me prostras por completo; tu passaste a ser a causa da minha calamidade, porquanto fiz voto ao Senhor e não tornarei atrás” (11:35).

A partir desse momento, a história é contada com mais eficiência, com menos detalhes que descrevessem o pesadelo de um pai encurralado entre seu voto desesperado e seu amor desesperado pela filha única. A filha de Jefté aceitou calmamente o seu destino, ciente de que o pai fizera um voto a Deus e, por questão de honra, era obrigado a cumpri-lo. O único pedido da menina foi que tivesse dois meses durante os quais poderia percorrer as montanhas, chorar com as amigas e lamentar sua virgindade. Ela jamais se casaria nem teria filhos, e Jefté jamais teria netos. A vida dela, tão cheia de possibilidades, seria sempre lembrada como o cumprimento de um voto. As Escrituras parecem nos vender os olhos para não assistirmos a uma visão tão apavorante. “Ao fim dos dois meses, tornou ela para seu pai, o qual lhe fez segundo o voto

por ele proferido...” (11:39).

Certamente nenhum herói do Antigo Testamento sacrificaria fisicamente a filha em “holocausto”. Deus não interveio quando Abraão estava prestes a sacrificar seu filho Isaque? (Veja Gênesis 22:1–14.) Jefté fez o voto de queimar em sacrifício quem primeiramente saísse de sua porta quando ele voltasse vitorioso (11:30, 31) e o texto simplesmente diz que ele “fez segundo o voto por ele proferido” (11:39). Ou ele a ofereceu em holocausto ou a consagrou para o serviço perpétuo. É difícil determinar exatamente o que ele fez¹.

Jefté venceu circunstâncias difíceis sobre as quais ele não tinha controle algum para se tornar um grande líder. Mesmo na sua calamidade pessoal de perder a filha, ele se mostrou cumpridor de suas promessas. Isto é ainda mais impressionante quando visto à luz do fracasso de Israel em cumprir a palavra perante Deus. De fato, há muito para se admirar nesse homem. Ele é mencionado em Hebreus 11 como um herói da fé.

E QUANTO A NÓS?

Se o povo de Israel se permitiu desviar-se de vagar mas com segurança para o modo cananeu de pensar em Deus, como forças semelhantes podem agir nas vidas dos cristãos que vivem no meio das culturas pagãs de hoje? Quais atitudes para com o povo, a história e Deus temos

¹ John L. Kachelman Jr., em *Studies in Judges* (“Estudos em Juízes”) (Abilene, Tex.: Quality Publications, 1985), resumiu os maiores argumentos em prol e contra a visão de que Jefté realmente ofereceu sua filha como um sacrifício humano.

A favor da visão do “sacrifício humano” estariam os seguintes argumentos (p. 111): 1) Eram tempos de falta de lei e desrespeito a Deus; por isso não havia escrúpulos para uma oferta literalmente humana. 2) Jefté cresceu cercado por uma influência pagã que defendia o sacrifício de humanos aos deuses. 3) A palavra hebraica para “holocausto” é usada com o sentido de matar. 4) Se Jefté pôde matar 42.000 conterrâneos israelitas a sangue frio, ele também pôde sacrificar a sua filha. 5) A expressão “cantar” (v. 40) parece ser melhor entendida como “recontar”, sugerindo que esse feito traiçoeiro era recontado anualmente. 6) O texto diz que Jefté “fez segundo o voto por ele proferido” (v. 39). Isto indica que ele realmente a sacrificou. 7) A grande tristeza de Jefté indica que ele iria realmente matar a filha. 8) Um ponto importante a ser considerado fora do texto é que, até a Idade Média, era de entendimento geral que Jefté matou a filha. Sendo assim, os historiadores da igreja primitiva que estão mais próximos desse período, em peso, concordam com a conclusão de que Jefté realmente sacrificou a filha em holocausto.

Em favor da visão de que Jefté consagrou a filha ao

inconscientemente absorvido da terra? A tristeza de Jefté é um outro alerta no Livro de Juízes para a igreja atual. Do que temos nos esquecido a respeito de Deus? Quais verdades se perderam no nosso tempo? Façamos uma reflexão sobre alguns indicadores de que também corremos o risco de esquecer de algumas verdades espirituais significativas.

Honrar Governantes numa Cultura de Desrespeito

Ouvi certa vez o vice-presidente dos Estados Unidos, Dan Quayle, falar na Universidade Harding. O que mais me deixou impressionado com ele naquela noite foi o profundo respeito com que ele falou do cargo de presidente. Embora ele não demonstrasse grande afeição pelo atual presidente, ele sempre falava dele com grande respeito. Até durante o reinado do louco do primeiro século, Nero, os cristãos foram instruídos a se “sujeitarem” aos seus governantes e a “tratar com honra” o rei (1 Pedro 2:13–17). Será que o nosso desrespeito pelos líderes do governo é um indicador de que estamos absorvendo os valores da terra e não das nossas Bíblias?

Medo de Deus numa Cultura de Descrença

Ninguém precisa nos convencer de que o nível de linguagem na nossa terra está caindo numa velocidade aterradora. A reverência a Deus

serviço perpétuo a Deus estariam os seguintes argumentos (pp. 111-12): 1) Sacrifícios humanos eram contrários às leis de Deus (Levítico 18:21; 20:2–5; Deuteronômio 12:31). 2) Embora a palavra hebraica para “holocausto” normalmente signifique uma oferta queimada, ela pode ser usada para denotar completa entrega ao Senhor. Sendo assim, Jefté ofereceu a filha em serviço perpétuo ao tabernáculo, onde ela permaneceu virgem. 3) A conjunção em 11:31 pode ser traduzida por “ou”, significando que Jefté providenciou uma opção no caso de um humano sair em primeiro lugar. Ou ele ofereceria o humano em consagração ao Senhor, OU ele ofereceria o animal em sacrifício. 4) O hebraico no versículo 40 pode ser traduzido por: “As filhas de Israel iam falar ou solidarizar-se com a filha de Jefté, o gileadita, quatro dias por ano”. 5) A lei provia uma “saída” para o voto precipitado de Jefté. Ele poderia redimir a filha através de uma soma de dinheiro, livrando-a assim (veja Levítico 27). 6) Jefté é alistado entre os “heróis da fé” (Hebreus 11:32) e é inconcebível que ele estivesse ali se tivesse cometido esse pecado brutal.

Uma completa discussão sobre “sacrifício humano” pode ser lida em vários comentários bíblicos sobre o Livro de Juízes. E uma discussão sobre “serviço perpétuo” pode ser lida em *Encyclopedia of Bible Difficulties* (“Enciclopédia de Dificuldades Bíblicas”) (Gleason L. Archer. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1982, 164-65).

ainda faz parte da vontade de Deus para nossa conduta, ainda que estejamos cercados de entretenimento e até conversas casuais em que a surpresa é comumente expressa com o uso do nome de Deus em vão. Esse linguajar também é bastante ouvido dentro das quatro paredes de lares cristãos, quando convidamos vídeo pagãos para preencherem as nossas tardes. Na cultura pop em que vivemos, “Jesus Cristo” é mais ouvido como uma expressão exclamativa do que como uma confissão. Nossas próprias palavras nos condenam quando dizemos: “Eu acho que eu não tinha notado isso”. Será que estamos sendo tragados pela nossa cultura?

O Casamento Duradouro numa Cultura de Conveniências

Muitas pessoas com mais de quarenta anos de idade podem se lembrar de um tempo em que nem sequer conheciam um indivíduo divorciado. Hoje, a maioria dos filhos precisam que seus pais os tranqüilizem quanto ao divórcio, porque estão crescendo num mundo de constantes divórcios. Uma placa com os dizeres “alugam-se alianças” não seria uma brincadeira hoje em dia; muitos acreditariam na oferta. O escândalo dentro da igreja é que os cristãos estão se divorciando praticamente na mesma proporção que o resto da sociedade². Querer cair fora de um compromisso perpétuo é dar ouvidos à terra mais do que a Deus.

A Grande Comissão numa Cultura de Interesses Pessoais

Qual é a nossa atitude agora mesmo em relação a missões ou a evangelização? Qual é a atitude da nossa congregação? Essas atitudes advém de um estudo intenso das Escrituras ou dos canais de uma cultura que está exclamando: “Nós em primeiro lugar!”

Permanecer Arraigado em Cristo numa Cultura Viciada no Novo

Atualmente, as pessoas não agüentam “as

²George Barna, *The Future of The American Family* (“O Futuro da Família Norte-Americana”). Chicago: Moody Press, 1993, p. 70.

mesmas coisas de antes”. Pressupomos que tudo precisa mudar. Por conta disso, algumas discussões na igreja parecem mais se basear num livrotexto de *marketing* do que na Bíblia. Deparando-se com uma situação um tanto parecida na igreja de Colossos, no primeiro século, Paulo escreveu:

Colossenses 2:8–10

“Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo; porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade.”

A fascinação da sociedade com novos deuses e novos caminhos pode enredar a todos nós. Basta perguntar a Jefté!

CONCLUSÃO

A tragédia de Jefté pode nos causar um grande impacto hoje. Pode nos fazer ser mais determinados do que nunca a buscar nas Escrituras o conhecimento de Deus. Ela pode fazer algo tão antigo e comum como a escola bíblica dominical merecer a energia e a importância típicas de uma questão de sobrevivência. Ela pode nos fazer perguntar a nós mesmos: “O que eu realmente conheço a respeito de Deus e o que eu simplesmente tenho aceitado dos outros?” Ela pode nos fazer encarar a possibilidade real de nossa religião estar poluída pela fumaça espiritual que continuamente se move em torno deste mundo cada vez mais pagão! □

Como É a Sua religião?

Para muitos a religião é como...

- uma torneira — que se abre quando há necessidade.
- um ônibus — onde se entra quando ele está indo para a mesma direção que nós.